



dossier  
vida  
cristã

**SOBRE A  
FORMAÇÃO  
PROFISSIONAL**  
Para ser sal e luz

Maeves Javaloyes  
e Teresa Escobar (ed.)

Maeves Javaloyes / Teresa Escobar

# SOBRE A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

PARA SER SAL E LUZ

*[www.opusdei.org](http://www.opusdei.org)*

# Índice

- Introdução
- Sobre a formação Profissional (1): Refletir sobre o meu trabalho
- Sobre a formação profissional (2): formação para ser Cristo no trabalho
- Sobre a formação profissional (3): Cidadãos que trabalham com os outros
- Sobre a formação profissional (4): A liderança do serviço
- Sobre a formação profissional (5): O projeto profissional integrado na missão

## Introdução

São Josemaria costumava considerar cinco aspectos da formação que o Opus Dei oferece: o humano, o espiritual, o doutrinal-religioso, o apostólico e o profissional. Todos visam a mesma coisa: ajudar-nos a encontrar Cristo na vida diária, a imitá-lo e a torná-lo presente em nosso ambiente, sendo “sal e luz para os outros”, pois “essa é a santidade de todos os dias”<sup>[1]</sup>. Jesus é a “luz do mundo” (Jo 8,12), mas ele mesmo nos transmite sua missão – “vós sois a luz do mundo”, “vós sois o sal da terra” – e anima-nos a não perder o nosso sabor nem nos escondermos, para que através das boas obras os outros possam reconhecer a Deus (cfr. Mt 5,13-16).

No âmbito do trabalho, “se tens de ser sal e luz, necessitas de ciência, de idoneidade” afirma São Josemaria<sup>[2]</sup>. Além da formação ou da aprendizagem, que capacitam para o exercício de uma profissão ou de um ofício, em que consiste esta idoneidade, do ponto de vista cristão? Qual é o significado específico da formação profissional que o Opus Dei pode oferecer?

Esta série analisa o impacto da formação na santificação do trabalho. Para nos identificarmos com Cristo no exercício profissional, é necessário alimentar a dimensão espiritual pessoal, aprofundar intelectualmente na própria atividade, adquirir capacitação para fazer o bem, crescer em amizade e em competência. Procuramos adquirir e melhorar nossas competências e habilidades como oportunidade para servir melhor, não como busca do êxito pessoal.

Em um sentido mais amplo, mediante nosso trabalho e as relações estabelecidas através dele, contribuímos como cidadãos para constituir uma sociedade – e uma história – que esteja de acordo com a dignidade da pessoa e com sua busca de sentido.

No percurso da vida, por último, a formação ajuda a manter o foco na meta sobrenatural, a integrar os diversos aspectos da vida sem que o eixo profissional seja o único e a estar abertos a mudar o rumo se estiver em jogo um bem maior.

<sup>[1]</sup> Francisco, Homilia em Santa Marta, 12 de junho de 2018.

<sup>[2]</sup> Caminho, 340.

# Sobre a formação Profissional (1): Refletir sobre o meu trabalho

Um estudante estudando um semestre em uma universidade estrangeira. Uma antiga funcionária municipal. Um desenhista *freelance* que trabalha em casa. Uma professora de ensino médio começando o ano. Um engenheiro que emigrou. Uma enfermeira que acaba de obter melhores condições de trabalho. Um empregado que teve uma redução de trabalho e de salário. Uma cabelereira que fechou seu salão durante a pandemia. Um pai ou uma mãe cuidando dos filhos pequenos. Uma recém-formada que procura o seu primeiro emprego. Nestas, ou outras, situações profissionais ou pessoais encontram-se numerosos cristãos que querem seguir os passos de Jesus-trabalhador guiados pela formação que o Opus Dei oferece. O artesão de Nazaré é seu principal modelo (Mt 13, 54-58).

Em todas as vidas há um caminho vivido e um projeto futuro, às vezes luz e às vezes sombra, alegria e sofrimento, decisões acertadas e erradas, entusiasmos e dúvidas, um impacto pessoal, familiar e social. Cada um de nós, a partir da sua unicidade, com a sua história e as suas circunstâncias, é chamado a santificar o trabalho, a santificar-se no trabalho e a santificar os outros no trabalho.

Para poder realizar essa missão, São Josemaria insistia na necessidade de preparar-se bem. “Se tens de ser sal e luz, necessitas de ciência, de idoneidade”<sup>[1]</sup>. “Filhos do meu coração, para que a sementeira seja eficaz, necessitais de um reforço na parte espiritual, outro na parte psicológica, outro na parte profissional”<sup>[2]</sup>. “Não basta o desejo de querer trabalhar pelo bem comum; o caminho, para que este desejo seja eficaz, é formar homens e mulheres capazes de conseguir uma boa preparação e capazes de dar aos outros o fruto dessa plenitude que alcançaram”<sup>[3]</sup>.

O Opus Dei compromete-se a dar uma formação cristã que diz respeito a todas as dimensões da pessoa, a profissional incluída. A preparação intelectual e técnica que cada ocupação requer se adquire, no entanto, nas instituições de ensino e capacitação próprias de cada país e na própria experiência profissional, não na Obra. O Opus Dei também não dá cursos de *mentoring*, *soft skills* ou marca pessoal, para dar exemplos relacionados ao âmbito do trabalho. Em que consiste, pois, esta formação profissional? Nos próximos artigos desta série vamos desenvolver algumas reflexões.

## Hoje, para mim: formação para a minha vida

A mensagem de São Josemaria sobre a santificação do trabalho, a transformação do mundo a partir de dentro e o lugar central que a profissão ocupa na vida social levam o cristão a aprofundar na importância do trabalho como eixo de sua vocação e missão no meio do mundo, com suas possibilidades e seus desafios. Consagrar o mundo a Deus a partir de dentro, manifestar a fé do Evangelho no

próprio ambiente, servir os outros e humanizar as estruturas são algumas das manifestações da identificação dos fiéis leigos com Cristo, sacerdote profeta e rei, pelo batismo<sup>[4]</sup>.

Todos os trabalhos, desde os mais assentados e regulamentados até os mais criativos e *part-time*, requerem essa reflexão por aquele que os realiza. Haverá aspectos comuns, porque “esta dignidade do trabalho se baseia no Amor”<sup>[5]</sup>, “há de ser uma oferenda digna aos olhos do Criador”<sup>[6]</sup>, “manifesta o amor, orienta-se para o amor”<sup>[7]</sup>. Outros, pelo contrário, serão muito pessoais, em função da relação de cada um com Deus, de seu sentido de oferecimento unido ao de Cristo na Cruz e na Santa Missa, de seu desejo de servir e do próprio conhecimento das características de sua atividade profissional.

Na vasta estrutura de aspectos que tecem o trabalho profissional, há dois que só cada pessoa pode ponderar e descobrir: em que consiste santificar esse trabalho concreto que eu realizo e como fazê-lo nas circunstâncias precisas e atuais minhas e nas do entorno.

Santificar o trabalho, para um oncologista, inclui desde o esforço para estar atualizado sobre as últimas pesquisas até a escuta empática do paciente; para um motorista de ônibus, desde o modo de entrar numa curva até o sorriso que dá aos passageiros; para uma arquiteta, escutar o cliente para atender suas necessidades e garantir a qualidade das soluções e a beleza do resultado. A resposta a “que manifestações tem a santificação do meu trabalho? será diferente para um atleta profissional, o repositor de um supermercado, um youtuber, um advogado oficial, uma diretora comercial, um cozinheiro, uma soprano, um agricultor, uma *community manager*, um professor ou um motorista de caminhão. E terão também que refletir sobre seu próprio caminho aqueles que se aposentam, estão desempregados ou ficam inválidos.

Além do que é específico de cada ramo profissional, a prudência exerce um papel chave na hora de cultivar determinadas atitudes e de tomar decisões adequadas. Uma pessoa às portas da aposentadoria pode encarar com desleixo ou com entusiasmo o último trecho da sua vida profissional. Uma mulher casada deve enfrentar os desafios de uma possível maternidade num ambiente que habitualmente desconfia de gravidez e de licenças de maternidade ou as desaprova ou rejeita. Uma economista ou uma advogada podem achar-se em situações contrárias ao que sua consciência indica que é justo. Em situações de pobreza ou instabilidade, um casal pode estudar a conveniência de um deles emigrar para garantir o sustento da família. Outras vezes a dúvida será sobre a conveniência ou não de uma redução da jornada de trabalho para cuidar de pais dependentes, filhos pequenos, membros da família doentes.

As condições legais, trabalhistas, econômicas, educativas, sociais ou políticas de cada país determinam muitas das facilidades e dificuldades que aparecem na vida profissional e a prudência ajuda a avaliá-las e procurar os meios oportunos para tomar decisões.

### **Alguns desafios contemporâneos**

A realidade que conforma o âmbito do trabalho apresenta, pois, complexidades

que todos enfrentamos em maior ou menor medida. Algumas das mais relevantes da atualidade que expomos a seguir trazem, talvez, luz sobre os aspectos nos quais a formação ajuda a santificar o trabalho hoje e agora.

Já se arrasta há anos a necessidade de um estudo profundo, fruto da reflexão e de um sábio conhecimento do humano, frente à superficialidade e o empobrecimento que o predomínio da tecnologia e da especialização podem representar. A formação abundante não implica assimilação se não for acompanhada pela contemplação, pela reflexão, pelo diálogo ou por leituras que valem a pena: “Quando a pessoa não aprende a parar para perceber e valorizar o belo, não é estranho que tudo se converta para ela em objeto de uso e abuso inescrupuloso. Ao mesmo tempo, se se quiser conseguir mudanças profundas, é preciso ter em conta que os paradigmas do pensamento influem realmente nos comportamentos”<sup>[8]</sup>, destaca o Papa.

Outro desafio da mentalidade atual é recuperar a alegria de compartilhar e a riqueza das relações humanas diante de uma sufocante cultura do êxito. A exigência de resultados, a autoimposição do rendimento como medida de qualidade, os processos que passam por cima das pessoas, o *mobbing*, suportado podem acabar em frustração, esgotamento, fracasso ou desalento, e levar inclusive à doença física ou psíquica. Francisco reivindica a necessidade de não perder de vista o fundamental: “Procurem priorizar espaços onde a cultura da eficácia, do rendimento e do êxito seja acompanhada pela cultura de um amor gratuito e desinteressado capaz de proporcionar a todos (...) possibilidades de uma vida feliz e realizada”<sup>[9]</sup>.

Representa igualmente um desafio, em muitos casos, conciliar tempos e prioridades. “A família pode mostrar como se está encarando esse desafio. Quando a organização do trabalho faz dela um refém, ou dificulta inclusive seu caminho podemos então estar certos de que a sociedade humana começou a trabalhar contra si mesma<sup>[10]</sup>, adverte o Papa. E não só em relação à família. Necessitamos também de tempo para o descanso ou o esporte, para visitar um museu ou estar com os amigos, colaborar com uma associação ou seguir um tratamento médico, fazer um curso ou visitar enfermos. Tempo para formação cristã e a vida de relacionamento com Deus.

O mundo do trabalho em si está, por outro lado, acelerando a sua evolução. O processo de transformação digital continua em muitos setores e apareceram novas formas de trabalho, mais colaborativas, por projetos, em modalidade de *home office*... Os aspectos positivos, como maior flexibilidade, criatividade e cooperação, convivem com outros negativos, como uma maior precariedade. Poucos jovens desejam trabalhar numa empresa com um posto fixo e aposentar-se nela como talvez tenham feito seus pais ou avós. As novas plataformas proporcionam, por sua vez, que as paixões e conhecimentos de cada um podem ser a base de uma dedicação profissional com a qual ganhar a vida.

As transformações anteriores facilitaram o aparecimento de novas profissões. Paralelamente, inserir-se no mundo trabalhista representa uma dificuldade em muitos países, afetados pela crise econômica. Conseguir um primeiro trabalho estável no caso dos jovens, voltar ao mercado depois de uma temporada de desemprego numa certa idade, reciclar-se num setor que mudou rapidamente ou

enfrentar aposentadoria precoce constituem algumas das situações que provocam mais sofrimento nas pessoas e nas famílias.

Por último, é clara a necessidade de construir à volta do trabalho estruturas que o humanizem: a legislação trabalhista, os salários, as condições de segurança, os contratos, os benefícios e tantos outros aspectos devem ser configurados de forma justa. Especial atenção requer garantir a plena incorporação da mulher à vida profissional e pública e apresentar respostas a seus desafios (tetos de vidro, diferença salarial, licença de maternidade...).

### **Uma vida integrada, uma formação unitária**

Para enfrentar estes desafios, tanto os pessoais como os que se referem à situação do trabalho em cada sociedade, é necessária uma formação unitária e integral, que envolva a pessoa toda em suas diferentes dimensões. Por exemplo, ajudar a cultivar virtudes como a paciência, a fortaleza, a audácia, a humildade ou a constância colabora grandemente na preparação necessária hoje para enfrentar desafios como os citados.

Por *formação* não se entende principalmente a transmissão de conteúdos ou conhecimentos, mas antes um processo pessoal de desenvolvimento, crescimento e amadurecimento, que busca a identificação com Jesus Cristo, homem e Deus, com os traços próprios do espírito do Opus Dei. As diferentes facetas da formação ajudam-nos assim a relacionar-nos com Deus no trabalho, descobrir a verdade e o bem relacionados com a profissão, exercitar as virtudes, buscar a qualidade e amar melhor as pessoas com as quais nos relacionamos. Uma vida caracterizada por um grande amor à liberdade que traz consigo uma grande responsabilidade, tem como consequência um desejo pessoal de melhorar dia a dia, contando com os meios que a Obra proporciona a seus fiéis e àqueles que participam de seus meios de formação<sup>[11]</sup>. Deste modo, o projeto vital e profissional fica integrado na missão à qual fomos chamados.

O trabalho é coluna vertebral da realidade completa da vida da pessoa. Mediante o trabalho – que junto com a filiação nos estabelece no mundo (“Não é este o filho do carpinteiro? Não é Maria sua mãe? Não são seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas?” <sup>[12]</sup>) – aprendemos a ser cidadãos com os outros e a liderar a partir do serviço.

Podemos, por isso, abordá-lo a partir de todas as vertentes da formação: “A formação dos fiéis do Opus Dei, que começa com seus primeiros passos na Obra e dura até o próprio momento da morte, compreende os aspectos humano, profissional, espiritual, apostólico e doutrinal; aspectos que se compenetraram harmonicamente entre si como convém à forte unidade de vida característica do espírito do Opus Dei, e que é recomendada insistentemente pela Igreja a todos os fiéis”<sup>[13]</sup>.

Este desenvolvimento harmonioso e equilibrado de atitudes e virtudes sustenta um modo cristão de viver, porque a chamada à santidade e ao apostolado se realiza precisamente no próprio trabalho profissional e mediante o exercício do trabalho profissional; com ele nos sustentamos, sustentamos nossas famílias e colaboramos para manter iniciativas para o bem de todos; exercitamos o



sacerdócio comum dos fiéis com o testemunho e as relações interpessoais<sup>[14]</sup>.

Com a ajuda de São José, pai trabalhador, “a crise de nosso tempo, que é uma crise econômica, social, cultural e espiritual, pode representar para todos uma chamada a redescobrir o significado, a importância e a necessidade do trabalho<sup>[15]</sup>”.

<sup>[1]</sup> São Josemaria, *Caminho*, n. 340.

<sup>[2]</sup> São Josemaria, *Enquanto nos falava pelo Caminho*, p. 245.

<sup>[3]</sup> São Josemaria, *Entrevistas*, n. 73.

<sup>[4]</sup> Cfr. *Lumen Gentium*, 34-36.

<sup>[5]</sup> São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 48.

<sup>[6]</sup> São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 55.

<sup>[7]</sup> São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 48.

<sup>[8]</sup> Francisco, *Laudato Si*, 215.

<sup>[9]</sup> Francisco, *Discurso no encontro com os Bispos*, Tóquio, 23/11/2019.

<sup>[10]</sup> Francisco, Audiência geral, 19/08/2015.

<sup>[11]</sup> Cfr. Prelazia da Santa Cruz e Opus Dei, *Ratio Istitutionis*, Roma, 2007, n. 8

<sup>[12]</sup> Mt. 13, 55.

<sup>[13]</sup> Prelazia da Santa Cruz e Opus Dei, *Ratio Istitutionis*, Roma, 2007, n. 4

<sup>[14]</sup> Id. n. 6.

<sup>[15]</sup> Francisco, *Patris Corde*, n. 6.

[Voltar ao índice](#)

## Sobre a formação profissional (2): formação para ser Cristo no trabalho

Quem não sonhou alguma vez em viver uma grande aventura? Uma aventura com descobertas inimagináveis e que faça brilhar o potencial, desconhecido até então, para superar limitações pessoais, uma aventura cheia de encontros e compartilhada com outros companheiros de viagem. É disso que trata a santidade que cada um sonha em alcançar: uma grande aventura de relação com Deus no meio do mundo.

Para um comerciante, uma engenheira, uma estudante ou um agente de saúde, esta aventura da santidade desenvolve-se em torno do seu trabalho profissional, dia a dia, com esforço, com entusiasmo, com vontade ou sem, colaborando com outros colegas lado a lado ou em *smart working*. Para muitas pessoas, o trabalho é o eixo, o centro ao redor do qual giram a santidade e o apostolado no meio do mundo, e o seu alcance se reflete na seguinte expressão de São Josemaria: *santificar o trabalho, santificar-se no trabalho e santificar os outros com o trabalho*.

Este lema é uma declaração de intenções e uma meta na qual está implícita a necessidade de ter recursos para realiza-la. Quem sai para correr sem tênis ou começa um projeto sem um investimento? Aqui não se trata de recursos isolados, ferramentas ou estratégias, mas de formar-se em todas as dimensões vitais para chegar a ser Cristo no trabalho.

### **Nosso encontro pessoal com Deus no trabalho**

A dimensão mais evidente é a espiritual, pois se concentra em viver o trabalho com amor, como lugar de encontro com meu Pai Deus, procurando apresentar-lhe uma *oferenda agradável*<sup>[1]</sup>, unida ao sacrifício do Filho na cruz que se atualiza em cada celebração da Missa<sup>[2]</sup>. Trata-se de buscar, de modo ativo, fazer juntos a tarefa, *por Cristo, com Cristo e em Cristo*<sup>[3]</sup>, como ocasião de serviço, um serviço direto – como é o caso de tantas profissões: cozinheiros, entregadores, professores, psicólogos – ou indireto, porque todo trabalho é serviço à sociedade. Isto se estende às ações concretas de todo o dia até chegar a fazer, como ensinava São Josemaria, da mesa de estudo, do escritório, da cátedra, da oficina ou do campo, um altar no qual Deus nos espera cada dia<sup>[4]</sup>, onde vamos depositando, uma após outra, as horas de nossa existência.

A dimensão espiritual significa também, por nossa parte, o esforço para não esquecer que o importante em nosso trabalho não é o que nós fazemos, e sim o que Deus realiza através de nós. Levantamos muitas vezes o coração para glorificar, agradecer, pedir perdão e pedir ajuda a Deus em correspondência com os fins da Missa (adoração, ação de graças, reparação e petição<sup>[5]</sup>). E nos damos conta de que Deus nos vê, nos ouve e nos sorri, pois contempla o esforço que

fazemos para amá-lo.

A perseverança no trabalho implica cansaço, fadiga; uma fadiga física para quem trabalha no setor da construção ou esculpindo uma obra de arte, uma fadiga mental para quem perscruta uma tela para criar um novo algoritmo ou deve atender com amabilidade o passageiro seguinte. A formação espiritual ajuda a encarar este esforço como uma oportunidade de estar mais perto de Cristo, que *carregou sobre si nossas misérias*<sup>[6]</sup>, mais perto de Deus Redentor. Em suma, o trabalho santificado (por Cristo, com Cristo e em Cristo) *nasce do amor, manifesta o amor e se ordena ao amor*<sup>[7]</sup>. O amor de Cristo ao Pai e a nós – seus irmãos, os homens – é princípio vivificador e unificador de toda sua atividade e missão; e também o é de nosso trabalho, quando cuidamos do mundo e dos outros, tentando imitar a Jesus, fazendo-nos um com Ele.

### **A compreensão intelectual do sentido do trabalho.**

Se tivéssemos que definir o que dá sentido à nossa existência, o que nos configura como pessoas, o que nos encaixa no mundo, um dos aspectos que sublinharíamos é nosso trabalho. Mesmo se aquele que estamos realizando agora não for “o trabalho dos meus sonhos”. Por contraste, como seria nossa vida sem trabalhar? *A vocação que Deus nos dá é muito formosa: criar, recriar, trabalhar*, indicava o Papa Francisco; *o trabalho envolve o homem em tudo: em seu pensamento, em sua ação, em tudo*<sup>[8]</sup>. Este papel fundamental do trabalho na hora de dar sentido à nossa existência, requer um aprofundamento do ponto de vista filosófico e teológico. É esta a formação de que necessitamos do ponto de vista intelectual: quanto mais compreendermos esta realidade – que Deus *tomou o homem e o colocou no jardim do Éden para que o trabalhasse e o guardasse*<sup>[9]</sup>, quer dizer, o sentido vocacional do trabalho humano – mais entenderemos a dignidade que ela traz consigo, porque nos faz parecer-nos com Deus, manifesta nosso ser *à sua imagem e semelhança*<sup>[10]</sup>.

Esta abordagem pode ser feita a partir de diversas disciplinas, para compreender com mais profundidade a Criação, a dimensão redentora dos anos em que Cristo esteve trabalhando com José, o sacrifício da Cruz, a ação do Espírito Santo na história, o papel dos leigos na cristianização da sociedade, etc. Tem especial importância, evidentemente, tudo o que diz respeito à virtude da justiça e às exigências morais de cada profissão. O estudo nos oferece, por isso, perspectivas novas para entender como santificar o próprio trabalho e reforçar o nosso desejo de fazê-lo.

A par do que ficou dito, está sempre presente a necessidade de aprofundar na dimensão social e de transformação do mundo que a própria dedicação profissional possui. *Devemos receber uma tal formação que suscite em nossas almas, na hora de acometer o trabalho profissional de cada um, o instinto e a sã inquietação de conformar essa tarefa às exigências da consciência cristã, aos imperativos divinos que devem reger na sociedade e nas atividades dos homens*<sup>[11]</sup>, em palavras de São Josemaria. Quem tem experiência do trabalho como lugar de santificação deseja que essa experiência chegue a todas as pessoas, não só proporcionando meios espirituais para dar sentido ao trabalho de cada um, mas agindo para que todos tenham trabalhos dignos e significativos.

### **Mais capazes para o bem**

A realização cotidiana do trabalho proporciona uma oportunidade para o exercício das virtudes humanas. É um lugar de treino muito útil para todos aqueles que querem melhorar como pessoas: como em toda academia, para atingir um nível alto de satisfação é necessário frequentá-la com constância, embora neste caso uma grande dose de ajuda sobrenatural seja acrescentada pela graça.

A formação humana, hoje e agora, ajuda a colocar o foco da atenção em virtudes que nos capacitam para tornar realidade esse desejo de servir as outras pessoas, virtudes que poderíamos chamar de sociais. Por exemplo, poderíamos incentivar a prática da escuta interessada e ativa no trabalho, com desejo de aprender dos outros. Na relação com cada pessoa, como explica o Papa ao falar da conversa entre Jesus e o jovem rico: *quando ouvimos com o coração sucede o seguinte: o outro se sente acolhido, não julgado, livre para contar a própria experiência de vida e o próprio caminho espiritual*<sup>[12]</sup>. E também em sentido mais amplo: *O Espírito nos pede que nos ponhamos à escuta das perguntas, dos anseios, das esperanças de cada Igreja, de cada povo e nação. E também à escuta do mundo, dos desafios e das mudanças que nos apresenta. Não façamos isolamento acústico no coração, não nos blindemos dentro de nossas certezas. As certezas nos fecham muitas vezes. Escutemo-nos*<sup>[13]</sup>.

Muito unida a este aspecto, a virtude da humildade leva-nos a reconhecer que necessitamos dos outros, bem como a perceber como podemos colaborar e fazê-lo generosamente. A capacidade de colaborar com outros e de contar com todos é uma exigência do nosso mundo de trabalho; se bem que se possa aprender técnicas e habilidades, a virtude cristã acrescenta além disso uma atitude vital, um interesse vital pela outra pessoa, querendo – e, com a prática, sabendo – estimular a liberdade e a responsabilidade de cada um e pondo em jogo seus talentos.

Outra virtude que se desenvolve é o compromisso, uma palavra que, às vezes, provoca pavor. O que teria que levar-nos à reflexão é, no entanto, as consequências do medo do compromisso. Como posso construir algo valioso que permaneça no tempo sem compromisso? É possível atingir uma meta sem abrir mão de outras possibilidades pelo caminho? Sabemos bem a resposta e não há dúvida de que, da mesma forma que em outros campos pessoais, também no trabalho o compromisso pode ser árduo, porque implica renúncias ou requer um esforço contínuo.

O compromisso também é imprescindível para viver a honradez, a justiça e a responsabilidade pessoal. Dá capacidade de ser fiel ao que a própria consciência indica como justo, embora, inclusive, estejam estendidos comportamentos contrários em nosso ambiente profissional. Reforça a preocupação ativa para humanizar os ambientes de trabalho e promover condições dignas de trabalho para todos.

### **Desfrutar com os outros**

Nas relações interpessoais, a benevolência e a magnanimidade com os outros são qualidades muito apreciadas. Em uma sociedade individualista e competitiva como a nossa, são virtudes que manifestam a caridade, e um cristão quer

desenvolvê-las e transmiti-las em seu ambiente sem cair na ingenuidade ou na simples filantropia e correndo o risco de que, às vezes, a bondade seja vista como uma fraqueza. Aprender a pedir desculpas, a retificar, e sobretudo a perdoar. Ser honesto consigo mesmo e com os outros. Ser sincero e leal nas relações com os colegas. Tratar os clientes com afabilidade e paciência. A lista de virtudes pode ser infinita, se quisermos, e o desejo de ser melhor e ter mais afeto aos companheiros de viagem faz parte dessa aventura que a vida profissional representa.

O âmbito do próprio trabalho constitui o ambiente natural para que se criem muitas e sólidas amizades, como recorda o *Prelado do Opus Dei em sua carta de 1/11/2019*<sup>[14]</sup>, assim como para semear a paz e a alegria tão próprias do espírito cristão. São Josemaria, citado pelo Prelado, explica assim: *Bem se pode dizer, filhos da minha alma, que o maior fruto do labor do Opus Dei é aquele que obtêm os seus membros pessoalmente, com o apostolado do exemplo e da amizade leal com os seus companheiros de profissão: na universidade ou na fábrica, no escritório, na mina ou no campo*<sup>[15]</sup>. É um espaço para compartilhar anseios, colaborar mutuamente e dedicar muitas horas ao desenvolvimento de uma tarefa comum; isto fortalece os vínculos e dá espaço ao conhecimento mútuo, ao mesmo tempo impede a instrumentalização das relações, que as reduziria a procura de vantagens, na cultura do êxito imediato. *O nascimento de uma amizade tem muito de dom inesperado*<sup>[16]</sup>, recorda o Prelado, *este dom de Deus que nos transmite consolo e alegria*<sup>[17]</sup> e recorda o amor gratuito da Trindade por cada um. Ao mesmo tempo uma tarefa se torna grata e compartilhada, pois *a própria amizade é um diálogo, no qual damos e recebemos luz; no qual surgem projetos, em um mútuo abrir-se horizontes; no qual nos alegramos pelo que é bom e nos apoiamos no que é difícil; no qual passamos um bom momento, porque Deus nos quer contentes*<sup>[18]</sup>.

### ***E com competência profissional***

Além da formação nas virtudes, a formação profissional é parte fundamental para a própria santificação e ferramenta específica para enfrentar os desafios culturais e sociais da sociedade de hoje. A competência profissional é essencial para que se possa santificar um trabalho, já que se deve primeiramente realizá-lo bem, tão bem quanto qualquer pessoa; e se for possível, melhor, pois vai ao lado dos nossos desejos de aperfeiçoar a criação, adorar o Criador e colaborar como corredutores<sup>[19]</sup>, pondo em exercício a alma sacerdotal adquirida no Batismo, sendo Cristo no trabalho.

São Josemaria insistia com os primeiros da Obra que a formação intelectual e profissional leva a *procurar as alturas, não as planícies*<sup>[20]</sup>, na própria profissão e ofício. Ou seja, estimular cada pessoa para desenvolver plenamente a sua própria personalidade e capacidades no campo onde possa contribuir mais com a sociedade, ajudando a humanizar o próprio ambiente.

A capacitação e as qualificações profissionais são adquiridas nas instituições criadas para este fim: universidades, escolas técnicas, academias, plataformas *on-line* de formação, instituições públicas que oferecem cursos de atualização ou inserção profissional... A oferta é ampla e variada e é preciso decidir-se a aproveitá-la. A ambição de chegar mais alto de um cristão implica uma contínua e exigente capacitação profissional para estar atualizado, uma *obrigação de adquirir uma formação profissional conveniente, que se adquire nos mesmos lugares que os*

*outros cidadãos*<sup>[21]</sup>.

## **A formação que a Prelazia proporciona**

De tudo o que foi dito deduz-se que quem procura ser santo no meio do mundo necessita de uma formação que repercuta em todos os âmbitos que entram em jogo no próprio exercício profissional e ajude cada pessoa a viver com maturidade esse caminho de identificação com Cristo. É isto que a Prelazia proporciona.

Em primeiro lugar somos estimulados a amar nossa profissão, como lugar de encontro com Deus e participação da sua obra criadora, de forma prática. Pode ajudar perguntar-nos ao longo do dia como estamos transformando o mundo hoje. A resposta talvez diga respeito a não reagir com agressividade a uma situação tensa quando um prazo se aproxima, agradecer a ajuda de uma colega, conceder uma licença maternidade sem ameaçar a reincorporação da mãe, tantos momentos e decisões em que somos chamados a transformar o mundo, melhorar o nosso ambiente e contribuir para levá-lo a Deus.

A formação recebida ajuda, além disso, a desempenhar o nosso trabalho de modo coerentemente cristão, isto é, de acordo com a deontologia própria da profissão e com a iniciativa de quem procura colaborar na construção de uma sociedade mais humana. E recorda que é preciso estudar, conhecer e exercitar os requisitos éticos e morais com sentido de missão, sendo exemplar no exercício profissional. Este aspecto vai requerer um maior investimento de tempo e esforço por parte de advogados, ginecologistas, funcionários de alfandega ou investidores de bolsa, mas é igualmente importante para aqueles que cuidam de pessoas idosas, são estagiários numa rádio local ou preparam comida para entrega.

Além disso, a formação estimula o desejo de empregar os meios para capacitar-se devidamente de modo que cada um promova um crescimento na cultura própria de cada ofício, profissão ou atividade que desempenha, criando associações profissionais ou participando ativamente delas, dedicando tempo para conhecer melhor a própria profissão, individualmente ou em companhia de outros. Isto requer tempo e energias, que não sobram, mas que é um enriquecimento necessário. São Josemaria dizia: *Dou tanta importância à cultura profissional de um cabelereiro como de um pesquisador; de um estudante universitário como de uma empregada doméstica. Trata-se de ter a cultura do próprio ofício, correspondente à vocação profissional de cada um*<sup>[22]</sup>.

A formação facilita a aquisição de valores específicos para a própria profissão ou ofício: o valor da vida e da saúde, nas profissões relacionadas com a medicina; a solidariedade de bombeiros e ajudantes; a igualdade para os empresários e para aqueles que trabalham em sindicatos.... Há valores que, sendo universais e necessários em todos os trabalhos, sobressaem em alguns de modo especial e devem ser acompanhados pelas competências necessárias para vivê-los. Ao fazê-lo pela glória de Deus e o bem das almas, o nosso trabalho alcança um valor sobrenatural que permite a identificação com Cristo.

O acompanhamento espiritual que a Prelazia proporciona, ajuda a enfrentar com realismo – maturidade humana e sobrenatural – as oportunidades e exigências que a vida oferece, também durante o caminho sobrenatural ao longo dos anos,

com esperança, discernimento e sentido sobrenatural.

Por último, a identificação com a missão apostólica leva a entusiasmar-se em poder colaborar mais no sustento econômico pessoal, contribuindo assim com o bem-estar da própria família e com os apostolados da Obra.

Percorremos todos os aspectos da formação que ajudam a fazer que o nosso trabalho seja o trabalho de um cristão, cuja centralidade São Josemaria sintetizava com as seguintes palavras: *Vamos pedir luz a Jesus Cristo Senhor Nosso e suplicar-lhe que nos ajude a descobrir a cada instante esse sentido divino que transforma a nossa vocação profissional no eixo sobre o qual assenta e gira a nossa chamada à santidade*<sup>[23]</sup>.

<sup>[1]</sup> Cfr. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2569.

<sup>[2]</sup> Cfr. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1350.

<sup>[3]</sup> Cfr. Oração Eucarística, doxologia final.

<sup>[4]</sup> Cfr. São Josemaria, *Entrevistas*, n. 114.

<sup>[5]</sup> Cfr. *Catecismo da Igreja Católica*, nn. 1407 e 1414.

<sup>[6]</sup> São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 95.

<sup>[7]</sup> São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 48.

<sup>[8]</sup> Francisco “O trabalho é a vocação do homem”, homilia em Santa Marta, 1º de maio de 2020.

<sup>[9]</sup> Gênesis 2, 15.

<sup>[10]</sup> Cfr. Gênesis 1, 26.

<sup>[11]</sup> São Josemaria, *Carta 6-V-1945*, n. 15, em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaria*, III, Rialp, Madri 2013, p. 574.

<sup>[12]</sup> Francisco, Homilia, Missa na abertura do sínodo dos bispos, 10/10/2021.

<sup>[13]</sup> *Ibid.*

<sup>[14]</sup> Cfr. Fernando Ocáriz, *Carta Pastoral*, 1-XI-2019, n. 20

<sup>[15]</sup> São Josemaria, *Carta n. 6*, n. 55.

<sup>[16]</sup> Fernando Ocáriz, *Carta Pastoral 1-XI-2019*, n. 20.

<sup>[17]</sup> *Id.*, n. 23.

<sup>[18]</sup> Fernando Ocáriz, *Carta Pastoral 9-I-2018*, n. 14

<sup>[19]</sup> Cfr. Fernando Ocáriz, *Carta Pastoral 14-II-2017*, n. 17.

<sup>[20]</sup> Cfr. Ana Sastre, *Tiempo de Caminar*, Rialp, Madrid 1989, citação 18, p.232:

(Fonte: São Josemaria, *Hoja de Noticias* (complementos) de julho de 1939 (AGP, série A.2, leg. 10, carp. 2). “Não passeis pela carreira como se toda ela fosse uma planície. Procurai as alturas. Tende personalidade. Traçai o vosso sulco. E que os sulcos de todos façam com que o campo do Pai de famílias seja produtivo”.

<sup>[21]</sup> Cfr. Prelazia da Santa Cruz e Opus Dei, *Ratio Institutionis*, Roma 2007, n. 14.

<sup>[22]</sup> São Josemaria, Anotações de um círculo breve, 19-IV-1964; em “Meditaciones”, vol. I, pp. 606-607 (AGP, biblioteca, PO6).

<sup>[23]</sup> São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 62.

[Voltar ao índice](#)



## Sobre a formação profissional (3): Cidadãos que trabalham com os outros

O entusiasmo por um trabalho pleno inclui habitualmente o desejo de construir algo de valor e de contribuir para melhorar a sociedade. A velha história dos pedreiros consegue descrevê-lo: ao fazer tijolos, pode-se encarar o próprio trabalho como simplesmente fazer tijolos, levantar muros ou construir catedrais. Nosso desejo é construir catedrais com a nossa profissão: maravilhas humanas e sinal da presença de Deus no mundo.

O Papa Francisco anima-nos: “O ser humano é capaz de ser, por si próprio, agente responsável por seu crescimento material, seu progresso moral e seu desenvolvimento espiritual. O trabalho deveria ser o âmbito deste múltiplo desenvolvimento pessoal, onde se põem em jogo muitas dimensões da vida: a criatividade, a projeção do futuro, o desenvolvimento de capacidades, o exercício de valores, a comunicação com os outros, uma atitude de adoração”<sup>[1]</sup>.

A situação em muitos países pode, no entanto, ofuscar esta visão. Em alguns, as condições de trabalho são desumanas, em outros a maioria dos trabalhos permite apenas sobreviver e, no Ocidente, as mudanças e as crises sucessivas criaram uma situação de precariedade que gerou certa visão negativa. A narrativa dominante ou a experiência pessoal podem reduzir o trabalho a uma atividade necessária para sobreviver, mas que, frequentemente, torna-nos infelizes e frustrados. Isto afeta especialmente os jovens que, com títulos acadêmicos e amplamente capacitados, mal conseguem um trabalho que lhes permita sustentar-se e fazer projetos para o futuro; ou pensam emigrar em busca de melhores possibilidades em outro país. De fato, muitos procuram a sua própria realização fora do âmbito profissional.

Em tal contexto, em que tantas pessoas têm razões sérias e concretas para afirmar o que foi dito, a mensagem de São Josemaria sobre o trabalho ilumina com *a esperança do Evangelho* esta realidade em crise. O Papa Francisco explica-o assim: “Quem não olha a crise à luz do Evangelho limita-se a fazer a autópsia de um cadáver: olha a crise, mas sem a esperança do Evangelho, sem a luz do Evangelho. Estamos assustados com a crise não só porque nos esquecemos de avaliar como o Evangelho nos convida a fazê-lo, mas também porque esquecemos que o Evangelho é o primeiro a colocar-nos em crise. É o Evangelho que nos coloca em crise. Mas, se reencontrarmos a coragem e a humildade de dizer em voz alta que o tempo da crise é um tempo do Espírito, então, mesmo no meio da experiência da escuridão, da fraqueza, da fragilidade, das contradições, da confusão, já não nos sentiremos esmagados, mas conservaremos sempre a confiança íntima de que as coisas estão prestes a assumir uma forma nova, nascida exclusivamente da experiência de uma graça escondida na escuridão”<sup>[2]</sup>.

Essa luz da fé sobre a realidade humana do trabalho faz brilhar a verdade

originária de que o homem foi posto no jardim do Éden *ut operaretur*<sup>[3]</sup>, para que trabalhasse e cooperasse com Deus para construir o mundo, para criar vida social e cultura. O trabalho é, em suma, uma realidade positiva e boa, um âmbito de realização pessoal e social, o eixo de nossa santidade “como vínculo de união com os outros homens e meio de contribuir para o progresso da humanidade inteira, como fonte de recursos para sustentar a própria família, como ocasião de aperfeiçoamento pessoal”<sup>[4]</sup>.

Nestas linhas, enfocaremos a projeção social do trabalho, que se expande em círculos concêntricos a partir do lugar onde se desenvolve, partindo do ambiente mais próximo (o bairro, o povoado, a cidade) para chegar à transformação efetiva do mundo.

## **Amar o mundo**

O amor ao mundo e o desejo de torná-lo melhor e levá-lo a Deus é um aspecto central da chamada vocacional à Obra e está no núcleo da sua mensagem. Este espírito leva a perceber em todas as circunstâncias da vida cotidiana uma chamada divina, como explica São Josemaria: “Temos que amar a Deus, para amar assim a sua vontade e ter desejos de corresponder aos chamamentos que nos dirige através das obrigações da nossa vida de todos os dias: nos deveres de estado, na profissão, no trabalho, na família, no convívio social, no nosso próprio sofrimento e no sofrimento dos outros homens, na amizade, no empenho de realizar o que é bom e justo”<sup>[5]</sup>.

Um olhar para as tragédias, as injustiças, os sofrimentos ou as superficialidades que estão presentes na vida diária, poderia levar a pensar que o nosso mundo atual não é “amável”, pelo menos enquanto não melhorar. E a sensação de ter pouco para contribuir para essa mudança pode levar-nos a fechar-nos no círculo do nosso pequeno mundo de relações, problemas, interesses e projetos. Sentimos que, nele pelo menos, podemos fazer algo.

A consciência de que Deus é nosso Pai leva-nos, no entanto, a sair dessa zona de conforto ao recordar o que o Salmo II promete: *eu te darei o mundo como herança*<sup>[6]</sup>. O filho recebe essa herança com o desejo de fazê-la frutificar, com o otimismo esperançoso de perceber a confiança do seu Pai e com o vivo sentido de responsabilidade para com esse mundo que Deus deixa em nossas mãos. Nada é alheio ao coração de um filho de Deus, porque é o próprio mundo – tudo e todos – o que constitui essa herança.

O amor ao mundo como dom que Deus Pai nos confia leva a querer “conhecer profundamente o tempo em que vivemos, as dinâmicas que o atravessam, as potencialidades que o caracterizam, e os limites e injustiças, às vezes graves, que o afetam”<sup>[7]</sup>. Não se trata de uma mera compreensão intelectual, mas sim de ir ao encontro das pessoas concretas, com os seus sonhos e esperanças, com sua sensibilidade, necessidades e críticas. Assim o conhecimento se transforma em empatia, em escuta, em empenho para acolher o outro e comprometer-se na busca do bem, em amor encarnado. Bento XVI explica isso na encíclica *Caritas in veritate*: “Amar alguém é querer o seu bem e trabalhar eficazmente por isso. É o bem desse ‘todos nós’, formado por indivíduos, famílias e grupos intermediários que se unem em comunidade social. Não se trata de um bem procurado por si

mesmo, mas para as pessoas que formam parte da comunidade social, e que só nela podem conseguir realmente o seu bem e de modo mais eficaz. Desejar o bem comum e esforçar-se por ele é exigência de justiça e caridade”<sup>[8]</sup>.

A força dignificante e transformadora do trabalho brota precisamente do amor – a Deus, aos outros, ao mundo – que nos permite contribuir para construir com outros esse *bem de todos nós* a partir da posição e da contribuição específica da própria profissão. O modelo do amor compassivo pelo concidadão é a parábola do bom samaritano, explica o Papa Francisco: “é um texto que nos convida a que nossa vocação de cidadãos do próprio país e do mundo inteiro ressurgam, como construtores de um novo vínculo social”<sup>[9]</sup>. Ao glosá-la, ele realça que mesmo o bom samaritano “precisou da existência de uma estalagem que lhe permitisse resolver o que não estava em condições de garantir sozinho”<sup>[10]</sup>: o trabalho permite-nos contribuir para a solução das necessidades humanas.

### Um modo de estar no mundo

A mentalidade laical tem como fundamento a consideração de que o trabalho, as relações sociais, políticas, etc., são lugares de encontro com Deus e tarefa própria do cristão comum. Mais ainda, o trabalho é precisamente o modo específico que cada pessoa tem de *cuidar da herança* e de colaborar na construção da sociedade. Nossa vida seria muito diferente sem agricultores, professoras, transportadores, engenheiros ou roteiristas. São Josemaria expressava-o assim: “o trabalho é o veículo através do qual o homem se insere na sociedade, o meio pelo qual se encaixa no conjunto das relações humanas, o instrumento que lhe designa um posto, um lugar, na convivência dos homens. O trabalho profissional e a existência no mundo são duas faces da mesma moeda, são duas realidades que se exigem mutuamente, sem que seja possível entender uma à margem da outra”<sup>[11]</sup>.

Esse lugar próprio, no qual Deus espera a cada um, é âmbito privilegiado para desenvolver a liberdade como capacidade de gerar coisas boas com e para os outros, e também para si mesmo. “Voltemos a promover o bem, para nós próprios e para toda humanidade, e juntos caminharemos assim rumo a um crescimento genuíno e integral”<sup>[12]</sup>. No cabelereiro, no escritório, na sala de aula, no campo ou no camarim, é no hoje e no agora do trabalho que se desempenha, que surge a pergunta decisiva: qual é, Senhor, o bem que esperas de mim? E esse mesmo empenho em buscar a perfeição cristã na profissão, em dar “bom exemplo de cada um em seu lugar, é já buscar o bem de toda a humanidade”<sup>[13]</sup>.

Não é difícil, ao mesmo tempo, perceber que fazer o bem é uma tarefa que supera os indivíduos singulares; mais ainda, é uma tarefa comum, uma *luta compartilhada*, como a pandemia nos fez entender e o Papa explica: **“Ninguém pode enfrentar a vida isoladamente; precisamos de uma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente.** Como é importante sonhar juntos! Sozinho, corres o risco de ter miragens, vendo aquilo que não existe; é juntos que se constroem os sonhos. Sonhemos como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos”<sup>[14]</sup>. E a experiência nos confirma que fazer o bem juntos rompe a barreira das diferenças ideológicas, dos estilos de vida diversos ou da falta de fé.

Sempre haverá instituições na Igreja orientadas para a assistência, e todos como cristãos somos chamados a ser o bom samaritano que se detém diante do irmão ferido. Como leigos, porém, temos a missão irrenunciável de estar presentes nos lugares onde a sociedade se configura, especialmente naqueles relacionados com a profissão. Um arquiteto, por exemplo, pode se manifestar contra a contaminação, votar num partido favorável à família e ser voluntário com os sem teto de sua cidade. Mas, se ele trabalha no setor do urbanismo é insubstituível para criar, com os colegas, ambientes mais verdes para diferentes gerações, seguros, com serviços básicos bem comunicados entre si, com espaços comuns, etc., de modo que influa diretamente na qualidade do ar, nas relações familiares e no acesso à moradia.

### **Com caridade e justiça**

Este modo cristão de ser e de estar no mundo, trabalhando com outros e para outros, contém em de si o maior potencial transformador da sociedade: a fé “que ilumina as nossas consciências, incitando-nos a participar, com todas as forças, das vicissitudes e dos problemas da história humana. Nessa história, que se iniciou com a criação do mundo e findará com a consumação dos séculos, o cristão não é um apátrida. É um cidadão da cidade dos homens, com a alma absorvida pelo desejo de Deus”<sup>[15]</sup>.

Se pusermos o foco no âmbito do trabalho, cabe perguntar quais características do modo cristão são promotoras mais eficazes desta transformação. A resposta seria ampla, há, porém, duas virtudes que trazem um valor especial: a caridade e a justiça consideradas em sua dimensão social. Ambas se traduzem num leque de atitudes que gozam atualmente de reconhecimento como valores imprescindíveis para levar em frente um empreendimento comum, e que a doutrina social da Igreja propõe. Estes ensinamentos oferecem orientações que iluminam com a luz da verdade do Evangelho os possíveis modo de atuar nas mais diversas situações sociais, culturais, etc. e que se manifestam em algumas atitudes como as seguintes.

A amizade social, a solidariedade e a participação levam a **“construir relações que vão além do mero trabalho e fortaleçam os vínculos de bem”**<sup>[16]</sup>. São Josemaria expressava-se assim numa carta de 1939 sobre a missão do cristão na vida social: “Um cristão não pode ser individualista, não pode desinteressar-se dos outros, não pode viver de modo egoísta, de costas para o mundo: é essencialmente social: membro responsável do Corpo Místico de Cristo”<sup>[17]</sup>.

A promoção do desenvolvimento humano integral – de todos os homens e do homem todo – implica a liberdade responsável da pessoa e de todos os povos, já que nenhuma estrutura pode garantir tal desenvolvimento de fora e acima da responsabilidade humana<sup>[18]</sup>. A cooperação nasce da convicção de que não é possível encontrar a solução para os problemas a partir de uma só perspectiva, e leva à abertura proativa, ao trabalho em equipe – também com aqueles que não pensam como nós – e ao diálogo sincero.

A justiça consiste em dar ao outro o que é dele, o que lhe corresponde, de acordo com seu ser e com sua atuação. É a primeira via da caridade e inseparável dela<sup>[19]</sup>, e, ao mesmo tempo, requer uma lógica superior, pois não se pode promover a

sociedade só mediante relações justas de direitos e deveres, mas sim, antes e melhor, com relações de gratuidade, de misericórdia e de comunhão<sup>[20]</sup>.

A transparência, a honestidade e a responsabilidade como valores sociais<sup>[21]</sup>, embora possam criar desvantagens a curto prazo – as próprias de quem assume o risco de confiar em outros – são fundamentos sólidos para criar um ambiente e um modo de trabalhar que convida a compartilhar os deveres recíprocos, mobilizando assim muito mais que a mera reivindicação de direitos<sup>[22]</sup>.

As possibilidades são infinitas, segundo as circunstâncias de cada um. A participação nas associações profissionais, o *mentoring* de meninas em STEM, os projetos colaborativos *open source* ou a alfabetização de adultos, por exemplo, podem ser iniciativas promovidas com os colegas. A priorização da pesquisa das doenças esquecidas, os serviços *pro bono* para causas relevantes, o desafio de um processo industrial mais limpo, a rejeição de subornos ou a melhoria das condições de trabalho podem ser iniciativas promovidas dentro da empresa ou instituição em que se trabalha.

### **Transformar o ambiente de trabalho**

O amor ao mundo, unido à consciência da própria liberdade e responsabilidade, levam ao compromisso em e a partir do próprio trabalho, na melhoria da sociedade. O trabalho não é simplesmente um lugar para a “autorrealização” individual, e sim uma plataforma a partir da qual desenvolve, em toda sua amplitude, a solicitude humana e cristã pelo próximo e pelas condições sociais que tornam possível o seu desenvolvimento<sup>[23]</sup>.

Considerar o trabalho como meio para contribuir para o progresso da comunidade é em primeiro lugar contribuir para a humanização do próprio ambiente profissional. A primeira resolução de problemas se realiza no lugar mais próximo<sup>[24]</sup>. Diante de situações de conflito, por exemplo, que surgem no trabalho como em toda relação humana, o crucial é não se deixar dominar por elas nem que acabe imperando o que o Papa Francisco chama de lógica do conflito<sup>[25]</sup>, que sempre procura *culpados* a quem estigmatizar e desprezar e *justos* a quem justificar: “Quando nos detemos na conjuntura conflituosa, perdemos o sentido da unidade profunda da realidade”<sup>[26]</sup>.

Os ambientes de trabalho requerem também um empenho constante e decidido a amar, procurando interessar-se por cada pessoa, pelas suas necessidades, pois somos todos pobres, carentes de algo “não só em termos materiais, mas também em termos espirituais, emocionais e morais”<sup>[27]</sup>. A experiência pessoal do amor de Deus, da família, das amigas, no-lo facilita.

Tudo isso pode se tornar realidade com uma infinidade de modos concretos: apoiar uma colega que está esperando um filho, ou aquele que tem sob sua responsabilidade uma pessoa idosa ou dependente; fazer favores que não trazem um benefício; celebrar os aniversários; não dar importância a pequenas diferenças; comportar-se com lealdade e não criticar.

Tal humanização do ambiente próximo comporta também identificar os problemas, assumindo-os em primeira pessoa, procurando “afogar o mal em

abundância de bem”, cobrindo deficiências, multiplicando as iniciativas que desenvolvam ou reorientem as energias implícitas na situação que é preciso melhorar<sup>[28]</sup>. Supera-se assim a perspectiva individualista e se consegue descobrir, com o olhar purificado pela caridade, “singulares convergências e possibilidades concretas de solução, sem renunciar a nenhum componente fundamental da vida humana”<sup>[29]</sup>.

É muito o que resta a fazer e talvez, como Moisés, podemos fraquejar no empenho. Vale a pena ter presente a conclusão da encíclica *Caritas in veritate*. “O desenvolvimento tem necessidade de cristãos com os braços levantados para Deus em atitude de oração, cristãos movidos pela consciência de que o amor cheio de verdade (*caritas in veritate*), do qual procede o desenvolvimento autêntico, não o produzimos nós, mas é-nos dado. Por isso, inclusive nos momentos mais difíceis e complexos, além de reagir conscientemente devemos sobretudo referir-nos ao seu amor. O desenvolvimento implica atenção à vida espiritual, uma séria consideração das experiências de confiança em Deus, de fraternidade espiritual em Cristo, de entrega à providência e à misericórdia divina, de amor e de perdão, de renúncia a si mesmo, de acolhimento do próximo, de justiça e de paz. Tudo isto é indispensável para transformar os ‘corações de pedra’ em ‘corações de carne’ (Ez 36, 26), para tornar ‘divina’ e conseqüentemente mais digna do homem a vida sobre a terra”<sup>[30]</sup>.

---

[1] Francisco, *Laudato si'*, n. 127.

[2] Francisco, *Discurso à cúria romana por ocasião dos cumprimentos do Natal*, 21/12/2020, n. 6.

[3] Gn. 2, 15.

[4] São Josemaria, *Carta* n. 14, de 15 de outubro de 1948, n. 4.

[5] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 17.

[6] Cfr. Sl 2, 8: *Pede-me eu te darei as nações por herança, e em teu domínio as extremidades da terra.*

[7] Fernando Ocáriz, *Mensagem*, 7 de julho de 2017.

[8] Bento XVI, *Caritas in veritate*, n. 7.

[9] Francisco, *Fratelli tutti*, n. 66.

[10] Id. , n. 165.

[11] São Josemaria, *Carta* n. 11, de 6 de maio de 1945, n. 13.

[12] Francisco, *Fratelli tutti*, n. 113.

[13] São Josemaria, *Carta* n. 3, de 9 de janeiro de 1932, n. 4.

[14] Francisco, *Fratelli tutti*, n. 8.

[15] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 99.

[16] Francisco, *Discurso aos membros do colégio cardinalício e da cúria romana por ocasião dos cumprimentos de Natal*, 23/12/2021.

[17] São Josemaria, *Carta* n. 5, de 2 de outubro de 1939, n. 37.

[18] Cfr. Bento XVI, *Caritas in veritate*, n. 17.

[19] Cfr. Bento XVI, *Caritas in veritate*, n. 6.

[20] Ibid.

[21] Cfr. Bento XVI, *Caritas in veritate*, n. 36.

[22] Id, n. 43.

[23] Cfr. Ana Marta González, “**Mundo y condición humana en san Josemaria Escrivá. Claves cristianas para una filosofía de las ciencias sociales**” em *Romana* n. 65, julho-dezembro de 2017.

[24] Cfr. São Josemaria, *Entrevistas*, n. 10: *vemos no trabalho – na nobre fadiga criadora dos homens – não só um dos mais altos valores humanos, meio imprescindível para o progresso da sociedade e o ordenamento cada vez mais justo das relações entre os homens, mas também um sinal do amor de Deus a suas criaturas e do amor dos homens entre si e a Deus: um meio de perfeição, um caminho de santidade.*

[25] Francisco, *Discurso aos membros do colégio cardinalício e da cúria romana por ocasião dos cumprimentos de Natal*, 23/12/2021, n. 7

[26] Francisco, Ex. ap. *Evangelii gaudium*, n. 226.

[27] Francisco, *Discurso aos membros do colégio cardinalício da cúria romana por ocasião dos cumprimentos de Natal*, 23/12/2021, n. 7.

[28] Cfr. Ana Marta González, “**Mundo y condición humana en san Josemaria Escrivá. Claves cristianas para una filosofía de las ciencias sociales**” em *Romana* n. 65, julho-dezembro de 2017.

[29] Id, n. 32.

[30] Id. N. 79.

[Voltar ao índice](#)

## Sobre a formação profissional (4): A liderança do serviço

Nos ensinamentos de São Josemaria, o que atualmente se designa como *liderança* é compreendido e exercido sempre como serviço, com o desejo de contribuir para a construção de um projeto comum em benefício de todos. Um líder não é apenas aquele que exerce um determinado papel numa equipe. O líder quer melhorar o mundo, e percebe logo que o melhor é começar pelo que tem mais perto, pelo mais próximo: seu ambiente. E como faz isso? São Josemaria o sintetizava em uma expressão: “*Para servir, servir*”<sup>[1]</sup>. E animava a “adquirir todo o prestígio profissional possível, a serviço de Deus e das almas”<sup>[2]</sup>.

A aspiração de liderar no serviço implica dois desafios, que a formação ajuda a enfrentar: desenvolver uma visão mais relacional no próprio trabalho (tanto no sentido de trabalhar *com os* outros – começando por Deus – como *com* eles e *para* eles) e o empenho por cultivar virtudes (querer ser melhor como pessoa, não para buscar uma autoperfeição, mas para doar-se).

### Seres relacionais, trabalho relacional

Uma visão relacional da própria profissão consiste na capacidade de elevar o olhar para descobrir que o trabalho que realizo diariamente vai além da produção de serviços ou bens, do rendimento e da eficácia, da mera autorrealização. Na verdade, consiste em gerar bens relacionais, que são produzidos e usufruídos sempre com outros, inclusive nas profissões que não visam diretamente a pessoa. É nitidamente interativo vender no mercado, dar formação profissional a alunos, visitar apartamentos com os clientes ou defender um acusado diante de um juiz. É, porém, também relacional, embora não tão claramente, o trabalho num centro logístico, numa linha de montagem ou num laboratório de bioquímica. Inclusive o trabalho *home-office* ou o estudo para um concurso, sem aparentemente interagir com ninguém.

Cristo é reconhecido pelo seu ofício (“Não é este o filho do carpinteiro? Não é Maria sua Mãe”<sup>[3]</sup>) e pelo do seu pai (“Não é este o filho de José?”<sup>[4]</sup>). No Êxodo, podemos encontrar uma figura antecipada de São José nos artesãos que pela qualidade de seu trabalho e por sua relação com os outros foram selecionados para construir o santuário<sup>[5]</sup>. Moisés os louva afirmando que Deus os chamou pelo seu nome e os encheu do seu espírito, dotando-os de “sabedoria, inteligência e experiência para todo tipo de trabalhos”<sup>[6]</sup> e “colocou em seu coração o dom de ensinar a outros”<sup>[7]</sup>. Jesus deu uma dimensão nova ao sentido relacional do seu trabalho na oficina: A construção de uma mesa não constituía apenas um objeto, mas havia outros significados presentes nela: todas as pessoas que a utilizariam ao longo dos anos, o seu aprendizado de José, a alegria da vida familiar com a Virgem Maria, as necessidades e preocupações dos vizinhos, a recordação da Criação, a carícia da madeira que encontraria também na Cruz, o desejo de glorificar o Pai, a redenção da humanidade.



Esta dimensão relacional do trabalho apoia-se no que significa ser humano, porque a abertura para conhecer e amar o outro é parte do nosso ser criado à *imagem e semelhança* de Deus, de um Deus Trino. “Eu me pergunto muitas vezes: com que espírito fazemos nosso trabalho cotidiano? Como enfrentamos o esforço? Vemos nossa atividade unida só a nosso destino ou também ao destino dos outros? O trabalho é de fato, uma forma de expressar nossa personalidade, que é por sua natureza relacional”<sup>[8]</sup>, explica o Papa Francisco. “O trabalho é também uma forma de expressar nossa criatividade: cada um faz o trabalho a seu modo, com o próprio estilo; o mesmo trabalho, mas com estilo diferente”<sup>[9]</sup>.

Como consequência desta natureza relacional, parte da formação profissional não diz respeito a adquirir os conhecimentos e habilidades adequados ao trabalho que realizo, mas também a aprender das pessoas: desse colega veterano ou daquele outro mais jovem, do tutor que sabe aconselhar bem, da conversa com os membros da equipe encarregada de um projeto, desse professor que podemos procurar anos depois de ter passado por suas aulas, de um cliente insatisfeito. O próprio Cristo foi aprendiz. “Porque Jesus devia parecer-se com José: no modo de trabalhar, nos traços de seu caráter, na maneira de falar”<sup>[10]</sup>.

### **Um instrumento em minhas mãos**

Uma das consequências de aproveitar a formação profissional costuma ser o respeito que adquirimos no âmbito em que somos especialistas. O verdadeiro prestígio profissional (que é um meio e não um fim) é o resultado dos recursos que temos para ser mais competentes no desempenho da própria profissão. Um profissional da área da saúde vai querer sempre empregar os meios para adquirir mais conhecimentos sobre possíveis tratamentos para seus pacientes, um professor tentará melhorar seus recursos docentes para ensinar melhor, pensando nos alunos, um comerciante procurará novos produtos adequados às necessidades de seus clientes e um profissional do mundo da comunicação procurará que haja o máximo possível de qualidade e veracidade na informação que transmite. Cada um se atualiza com os meios ao seu alcance (cursos, leituras, *workshops*, pesquisa...), mas a formação que a Obra oferece ajuda-nos a desejar essa atualização, a dar-lhe prioridade, perseverar nela, para dar mais glória a Deus no trabalho e servir com mais eficácia.

O prestígio profissional, deste ponto de vista, é muito diferente de buscar o êxito, entendendo-se esse como buscar resultados que outros possam julgar eminentes ou excelentes, por serem o fruto de talentos extraordinários que as pessoas comuns não possuem.

O que a pregação de São Josemaria pretendia era alentar, não cortar as asas de ninguém nem menosprezar aqueles que possuem qualidades extraordinárias – “àquele que puder ser sábio, não lhe perdoamos que não o seja”<sup>[11]</sup> – estava, porém, ao mesmo tempo longe de propor um discurso de excelência dirigido a alguns ou afastado da realidade. De fato, inclusive uma pessoa responsável no trabalho, com muitas habilidades adquiridas e experiência de anos de exercício encontra os seus fracassos, com erros que requerem retificação, momentos em que deve começar do zero. Constituem ocasião de aprendizagem e de tentar superar com esperança tais circunstâncias, sem ficar preso pelo medo de fracassar de novo.

A chave do prestígio profissional, para São Josemaria, não é a fama, mas o servir por amor. “A peregrinação do cristão pelo mundo tem de converter-se num contínuo serviço, prestado de modos muito diversos, conforme as circunstâncias pessoais, mas sempre por amor a Deus e ao próximo. Ser cristão é agir sem pensar nas pequenas metas do prestígio ou da ambição, nem em outras finalidades aparentemente mais nobres, como a filantropia ou a compaixão pelas desgraças alheias; é avançar em direção ao termo último e radical do amor que Jesus Cristo manifestou ao morrer por nós”<sup>[12]</sup>.

Em resumo, o sentido do prestígio profissional é poder utilizá-lo para o serviço de Deus e das pessoas. São Josemaria explicava assim: “Por isso, como lema para o trabalho de cada um, posso indicar este: *para servir, servir*. Porque, para fazer as coisas, é preciso antes de mais nada, saber terminá-las. Não acredito na retidão de intenção de quem não se esforça por alcançar a competência necessária para cumprir bem as tarefas que lhe são confiadas. Não basta querer fazer o bem; é preciso saber fazê-lo. E, se realmente queremos, esse desejo traduzir-se-á no empenho por utilizar os meios adequados, para deixar as coisas *acabadas*, com perfeição humana”<sup>[13]</sup>.

Cada pessoa é, portanto, chamada a ser líder em seu próprio ambiente (profissional, familiar, social), a querer melhorá-lo. E todos, homens e mulheres, podemos contribuir (mediante a preparação profissional e o crescimento pessoal) com este crescimento. É bem inspirador ver como a pandemia fez emergir muitos líderes ocultos ao mesmo tempo que constitui uma chamada à responsabilidade de cada um: o que eu posso melhorar é a minha própria realidade, e se eu não o fizer, ninguém o fará por mim.

### **Servir com o prestígio profissional**

“Servir” pode se entender no sentido de “ser competente” ou de “ser apto para uma determinada tarefa”. Para servir – para viver a caridade com obras, imitando a Cristo, que “veio, não para ser servido, mas para servir”<sup>[14]</sup> – se requer idoneidade, e esta idoneidade procede do estudo e da prática, mas também das virtudes humanas. Uma pessoa trabalhadora, determinada, audaz, ordenada, educada, amável, que se interessa, etc., tem condições tanto de contribuir eficazmente em um projeto comum como de corresponder às exigências da caridade no exercício de seus deveres. A expressão “para servir, servir” constitui, pois, uma chamada a adquirir as qualidades necessárias, a ser útil, e cultivar assim as virtudes que permitem prestar a outros os serviços convenientes. São Josemaria, ao falar deste aspecto, referia-se tanto a trabalhos intelectuais e de aparente relevância e influência social no mundo da cultura ou da política como ao bom trabalho desempenhado numa oficina mecânica, na cozinha de um restaurante ou na chácara agrícola.

O prestígio ajuda a sermos uma referência no âmbito que dominamos e permite aconselhar e acompanhar, não apenas com conhecimentos e habilidades. Podemos, por exemplo, continuar velando pelo bem e a trajetória de antigos alunos, assessorar os médicos jovens que estão fazendo estágio no hospital, sugerir novas oportunidades aos amigos que perderam o emprego, aconselhar um colega sobre uma máquina nova ou fornecer contexto em uma conversa tensa.

O prestígio constitui também uma ferramenta de serviço se nos der a oportunidade de fazer parte de um grêmio, sindicato ou associação profissional, com a finalidade de melhorar a nossa profissão ou promover iniciativas para conseguir condições trabalhistas mais justas (propor uma greve, fazer um abaixo-assinado, falar com diretores, etc.). Falando de Jesus e de José como “operários da madeira”, Francisco indica todos os aspectos obscuros do trabalho que podemos – devemos – contribuir para iluminar com as possibilidades de uma trajetória pessoal competente e honrada: os trabalhos duros “nas minas e em certas fábricas”, “aqueles que são explorados no trabalho negro”, “as vítimas” de acidentes trabalhistas, “as crianças obrigadas a trabalhar” etc.<sup>[15]</sup>.

O prestígio proporciona, às vezes, um ascendente que abre as portas para chegar a temas mais delicados. Num congresso ou numa viagem de trabalho, renunciar a uma bebida depois de um jantar e lembrar-se da família que está em casa pode mudar o clima de diversão entre os colegas. Compartilhar a própria experiência pode ajudar outra pessoa a organizar o horário do seu negócio de forma a poder assistir à missa no domingo. Quando o ambiente trabalhista é um deserto – “esse ambiente árido onde se deve conservar a fé e procurar irradiá-la”<sup>[16]</sup>, descreve o Papa Francisco – “lá somos chamados a ser pessoas-cântaros para dar de beber aos outros”<sup>[17]</sup>.

### **Formação para transformar-se e transformar**

O que muda o mundo são as pessoas. E a formação pessoal implica sempre um passo em frente tanto em responsabilidade social quanto em capacidades para poder dar à sociedade o que cada um tem. “No trabalho livre, criativo, participativo e solidário, o ser humano expressa e aumenta a dignidade de sua vida”<sup>[18]</sup>, indica Francisco. “O trabalho não é apenas um meio de ganhar a vida: é também um lugar onde nos expressamos, nos sentimos úteis e aprendemos a grande lição da realidade, o que ajuda a vida espiritual a não se tornar espiritualismo”<sup>[19]</sup>.

A formação espiritual que a Obra transmite e que aspira sempre a refletir-se na vida, pode ajudar a nos perguntarmos: Como posso entender melhor que o meu trabalho é um serviço? Como gerar oportunidades de melhora para outros e para a sociedade a partir da minha própria profissão? Que tipo de problema social eu poderia ajudar a resolver com meu trabalho? Que melhorias, inovações, soluções posso trazer com os conhecimentos de minha profissão?

Para ser líder no serviço a partir de nosso trabalho não são suficientes só conhecimentos. Por isso, a formação profissional que a Obra proporciona orienta-se no sentido de ajudar cada pessoa a adquirir as virtudes humanas ou habilidades pessoais que a capacitem profissionalmente para trabalhar bem. Isto é: trabalhar com atenção, sem descuidos ou sem fazer um trabalho mal feito, com esmero e sentido de responsabilidade de quem o faz por amor a Deus e aos outros, cooperando com todos. Descobrimos também a dimensão do cuidado das pessoas à minha volta, daqueles que se beneficiarão desse trabalho, do bem comum e do mundo no qual vivemos.

Tais habilidades (as chamadas *soft skills*) não se aprendem teoricamente, são adquiridas indiretamente nos modos de fazer, de relacionar-se com os outros, de

enfrentar os diferentes problemas do dia. Poderíamos dizer que se aprendem com a prática, encarnam-se no fazer e por isso é bom refletir explicitamente sobre elas e aproveitar o *feedback* que os outros lhe dão, para entender melhor como desenvolvê-las no dia a dia, de modo que informem o modo de ser e de atuar e, portanto, o modo de exercer a própria profissão. Quem não teve desejo de agradecer profundamente à atitude atenta de um profissional da saúde que nos atendeu com carinho, o olhar empático (inclusive através da máscara) de um funcionário administrativo que se interessou pelo nosso problema ou a simpatia de um taxista ou de um entregador que nos alegraram o dia?

Podem se destacar algumas qualidades mais pessoais, como o bom senso, a atitude positiva, a autoestima, a criatividade, a resiliência ou a flexibilidade. A flexibilidade, por exemplo, pode ser definida como a abertura a diferentes modos de ser e de trabalhar, o que capacita para um trabalho entre gerações, intercultural (tão necessário para não perder a essência de nossa contemporaneidade), interdisciplinar, etc. Consegue-se assim criar um espaço em que todo se sentem à vontade e podem contribuir com o melhor de si.

Há outras habilidades que podem ser consideradas mais sociais, por contribuírem de modo construtivo no tecido de relações que compõem as nossas vidas: a gestão de pessoas, o domínio do estresse próprio e alheio, a capacidade de escuta e diálogo, a comunicação, a empatia, etc. Para alguns autores, estas disposições formam parte da chamada inteligência emocional e social.

Cristo aprendeu não apenas um ofício, mas também estes aspectos. Ao glosar a figura de São José, o Papa Francisco afirma que, “podemos estar certos de que o seu ser um homem ‘justo’ também se verificou na educação que deu a Jesus. José via Jesus crescer *em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens* (Lc 2, 52)”<sup>[20]</sup>.

A imagem de Cristo, lavando os pés dos apóstolos na Quinta-feira Santa, simboliza o serviço de todo cristão às pessoas. “Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, assim façais também vós”<sup>[21]</sup>, diz o Senhor. É bom, porém, recordar que antes Ele mesmo serviu durante anos os habitantes de Nazaré através do seu trabalho, conselho, carinho, à sombra do prestígio de São José. “José devia tirar muita gente de dificuldades, com um trabalho bem-acabado. O seu trabalho profissional era uma ocupação orientada para o serviço, tinha em vista tornar mais grata a vida das outras famílias da aldeia; e far-se-ia acompanhar de um sorriso, de uma palavra amável, de um comentário feito como que de passagem, mas que devolve a fé e a alegria a quem está prestes a perdê-las”<sup>[22]</sup>.

---

<sup>[1]</sup> São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 50.

<sup>[2]</sup> São Josemaria, *Sulco*, 491

<sup>[3]</sup> Mt. 13, 55; Mc 6, 3.

<sup>[4]</sup> Lc. 4, 22.

<sup>[5]</sup> Cfr. Ex. 35, 30-36, 2.

<sup>[6]</sup> Ex. 35, 31.

<sup>[7]</sup> Ex. 35, 34.

<sup>[8]</sup> Francisco, Audiência geral, 12 de janeiro de 2022.

<sup>[9]</sup> Francisco, Audiência geral, 12 de janeiro de 2022.

<sup>[10]</sup> São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 55

<sup>[11]</sup> São Josemaria, *Caminho*, n. 332.

<sup>[12]</sup> São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 98.

<sup>[13]</sup> São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 50.

<sup>[14]</sup> Mt. 20, 28.

<sup>[15]</sup> Cfr. Francisco, Audiência geral, 12 de janeiro de 2022.

<sup>[16]</sup> Francisco, Ex. Ap. *Evangelii Gaudium*, n. 86.

<sup>[17]</sup> *Ibidem*.

<sup>[18]</sup> Francisco, Ex. Ap. *Evangelii Gaudium*, n. 192.

<sup>[19]</sup> Francisco, Audiência geral, 12 de janeiro de 2022.

<sup>[20]</sup> Francisco, Audiência geral, 19 de janeiro de 2022.

<sup>[21]</sup> Jo 13, 15.

<sup>[22]</sup> São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 51

[Voltar ao índice](#)

## Sobre a formação profissional (5): O projeto profissional integrado na missão

A vida de todo ser humano, inclusive a profissional, é um caminho, feito de etapas, encruzilhadas, curvas, subidas e descidas, metas, vitórias e frustrações. A vida de Cristo também foi um caminhar: passou pelas etapas de crescimento, da infância à maturidade, percorreu fisicamente a Terra Santa, e a partir do momento da sua Encarnação em Nazaré começou uma longa subida até Jerusalém para a Páscoa.

Em nosso dia a dia, Jesus caminha a nosso lado de forma misteriosa, como com os discípulos de Emaús<sup>[1]</sup>. Acompanha-nos em nosso trabalho e tentamos descobri-lo nas pessoas com as quais nos relacionamos nesse trabalho. A formação espiritual, doutrinal, humana, apostólica e profissional que recebemos ajuda-nos a manter vivo este desejo de encontro com Ele, e a torná-lo real. E, quando no trabalho profissional, não sabemos por onde continuar ou que decisão tomar, vemo-nos como Tomé apelando a Cristo: “Senhor, não sabemos para onde vais. Como podemos conhecer o caminho?”. E Jesus respondeu: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”<sup>[2]</sup>

### **As encruzilhadas profissionais**

Percorrer o caminho da própria existência como cristãos significa saber que o que integra todas as nossas escolhas, nossas rotas e nossos projetos é a meta: participar da intimidade divina e levar outros a descobri-la, e “o caminho certo é Jesus”<sup>[3]</sup>, explica o Papa Francisco. Ele nos chama, guia, sustenta e acompanha através da aparente dispersão de nossas atividades e responsabilidades diárias.

Apesar do desejo de viver com fidelidade a nossa chamada a santificar as realidades terrenas, nem sempre temos uma visão clara da melhor decisão profissional para torna-lo realidade, especialmente quando afeta outros aspectos igualmente importantes de nossa vida. Convém aceitar uma mudança para outro país, ou isso prejudicará os meus filhos? Convém que nós, marido e mulher, comecemos um negócio juntos ou isso será negativo para o nosso relacionamento? Convém continuar estudando para ter mais opções profissionais ou é melhor casar-nos cedo? Convém reduzir o meu tempo diário de trabalho ou mudar de cidade por necessidade apostólica, ou neste momento posso arriscar meu futuro profissional? Convém aceitar este novo posto de trabalho, que me dará um raio de ação mais amplo ou no fundo o que me move é uma ambição vaidosa ou o desejo de fugir de outras responsabilidades? E em cada pergunta palpita aquele “Senhor, que queres de mim? Qual é o melhor caminho? Como posso integrar melhor casamento e trabalho, paternidade e trabalho, apostolado e trabalho, disponibilidade e trabalho...? Onde me esperas?”

A resposta concreta vai depender das circunstâncias, mas há sempre princípios

claros que facilitam a escolha: a prioridade das pessoas sobre as coisas, da realidade sobre a ideia, do conjunto sobre a parte, do bem espiritual sobre o material. Dialogar com os que serão afetados e aconselhar-nos com quem conhece a situação familiar, o ambiente profissional ou as nossas características pessoais, e quer o bem de todas as partes, também pode ajudar-nos. E, de qualquer forma, olhar para Jesus, “o caminho certo”, na oração, pois “nesse silêncio é possível discernir, à luz do Espírito, os caminhos de santidade que o Senhor nos propõe”<sup>[4]</sup>.

### **Um caminho com companhia**

No caminho profissional nunca andamos sozinhos. Nós o percorremos sempre com aqueles com quem temos relações e vínculos: a família, os amigos, os colegas. Caminhamos especialmente com aqueles com os quais comprometemos nosso futuro: o esposo ou a esposa, os filhos e, para aqueles que têm vocação ao Opus Dei, as outras pessoas dessa família que é a Obra e aqueles para os quais se orienta a própria ação evangelizadora. Eles passaram a ser parte da própria identidade e da própria missão.

“Qualquer pessoa que trabalha e tem família deve esforçar-se para equilibrar essas duas esferas, tanto homens como mulheres, e contar com a ajuda de Deus para santificar as suas circunstâncias normais”<sup>[5]</sup>. Em algumas profissões, a presença no lar é talvez mais instável – pensemos num caminhoneiro, numa comissária de bordo, ou num pescador de alto mar – e é necessário um compromisso especialmente criativo e compartilhado.

Outras vezes no caminho é necessário reduzir o ritmo ou recalcular o percurso, quando aqueles que nos acompanham precisam disso. Representará talvez uma renúncia dolorosa. A sabedoria popular diz que quem caminha sozinho chega antes, mas quem caminha acompanhado chega mais longe. No contexto atual, em que às vezes a projeção profissional parece a única bússola para orientar-se, o único eixo em volta do qual tomar decisões, para refazer quando necessário o mapa da própria existência, precisamos atualizar com frequência o sentido da missão, recordar o valor dos vínculos, colocar o coração nos outros tesouros vitais que temos, arriscar confiando em Deus e nos outros e não somente na segurança de ter tudo sob controle. “Tudo pode ser aceito e integrado como parte da própria existência neste mundo e incorporar-se no caminho da santificação”<sup>[6]</sup>, previne o Papa Francisco.

Outras vezes, na trajetória profissional surgem obstáculos, atalhos, ou possibilidades novas não previstas. A metáfora do trajeto, do caminho, fala de tempo, paciência, esforços, paradas, e percorrê-lo requer um sentido e uma intencionalidade que implicam a liberdade pessoal e a iniciativa, o risco. É, porém, bom recordar também que Deus aparece no caminho, como em Emaús, através dessas novidades e que a sua providência nos guia e sustenta.

O projeto profissional, como o caminho, é sempre um percurso aberto, porque não é individualista, está enraizado na realidade e se abre às surpresas de Deus. Todos experimentamos que algo que parecia uma perda frequentemente abre a porta a um ganho maior. É importante, ao mesmo tempo, que o nosso projeto seja ambicioso porque a meta é alta: colocar Cristo no cume de todas as atividades humanas<sup>[7]</sup>. É, por isso, imprescindível olhar e ouvir a Jesus: em algum momento

Ele talvez nos anime a dar meia volta e regressar, como aos dois discípulos enquanto que outras vezes envia-nos a remar mar adentro como aos Apóstolos.

### **Levantar o olhar no caminho**

Vocação e missão são inseparáveis em nós como o são em Jesus Cristo. Nossa missão é parte de nossa identidade e nos define. Somos para Deus e para as almas; a nossa vida é serviço. Podemos dizer, como Ele, “eu para isso nasci e para isto vim ao mundo”<sup>[8]</sup>.

Necessitamos de um coração aberto, disponível, grande, para realizar o que o Prelado do Opus Dei sintetiza assim: *Somos chamados a contribuir, com iniciativa e espontaneidade, para melhorar o mundo e a cultura do nosso tempo, de modo que se abram aos planos de Deus para a humanidade: (...) os projetos de seu coração que se mantêm de geração em geração*<sup>[9]</sup>. São Josemaria explica do seguinte modo: *“Que entreguemos plenamente nossas vidas ao Senhor Nosso Deus, trabalhando com perfeição, cada um em sua tarefa profissional e em seu estado, sem esquecer que devemos ter uma única aspiração, em todas as nossas obras: colocar Cristo no cume de todas as atividades dos homens*”<sup>[10]</sup>.

Esta missão impregna todos os âmbitos da vida humana: família, trabalho, amizades, descanso, doença, etc. E estende-se também a todos os momentos da própria vida e às escolhas que se fazem. Colocar Cristo no centro da própria vida e de todas as atividades implica igualmente pô-lo no centro do projeto profissional: é a luz que permite orientar-se nesse caminho, fazer as escolhas adequadas em cada momento.

Bento XVI, em uma vigília de Páscoa, explicava-o assim: “Cristo divide agora a luz das trevas. N’Ele reconhecemos o que é verdadeiro e o que é falso, o que é o resplendor e o que é a escuridão. Com Ele, surge em nós a luz da verdade e começamos a compreender. Uma vez quando Cristo viu as pessoas que se congregaram para O escutar e esperavam d’Ele uma orientação, sentiu compaixão por eles, porque eram como ovelhas sem pastor (cf. Mc 6, 34). No meio das correntes contrastantes do seu tempo, não sabiam a quem dirigir-se. Quanta compaixão deve Ele sentir também do nosso tempo, por causa de todos os grandes discursos por trás dos quais, na realidade, se esconde uma grande desorientação! Para onde devemos ir? Quais são os valores, segundo os quais podemos regular-nos? Os valores segundo os quais podemos educar os jovens, sem lhes dar normas que talvez não subsistam nem exigir coisas que talvez não lhes devam ser impostas? Ele é a Luz”<sup>[11]</sup>.

### **Integrar para avançar**

Hoje a vida profissional comporta um grande dinamismo. Precisamos continuamente detectar e compreender as necessidades do ambiente, não só para enfrentar as exigências variáveis do mundo do trabalho, mas também para servir melhor na nossa própria profissão.

Convém ter em conta que o amor, que vivifica e anima o trabalho, também é dinâmico: cresce sempre, desenvolve-se, melhora, impulsiona num movimento ascendente a própria pessoa, muito além dos seus conhecimentos teóricos ou



técnicos. Tal dinamismo do amor dá serenidade na hora de enfrentar desgastes e dificuldades. E ajuda a encontrar a unidade além dos conflitos, porque o olhar do amor integra e procura o bem.

Uma dedicação profissional animada pela caridade não é mero *curriculum*. A formação que adquirimos através da própria experiência profissional santificada repercute em nós. Enriquece-nos como pessoas, faz-nos crescer em conhecimento e capacidades, dá-nos experiência de humanidade, habilita-nos para nos ocuparmos de coisas muito diferentes com flexibilidade, torna-nos reflexivos e decididos. Isso, por sua vez ajuda-nos a ocupar-nos melhor da família, permite-nos ampliar o círculo de amizades, facilita-nos realizar uma tarefa evangelizadora mais profunda, amplia-nos o coração e o olhar para identificá-los com Cristo. A dedicação exigente e entusiasta à profissão, vivida com a paixão do serviço e da missão, não se opõe a uma atitude de disponibilidade, de abertura a outras necessidades, mas permite que essa disponibilidade seja mais completa. Como indica o Prelado do Opus Dei, a disponibilidade manifesta-se “em sua plenitude quando pensamos nos talentos que recebemos de Deus para pô-los à disposição da missão apostólica; antecipamo-nos, oferecemo-nos, com iniciativa. A disponibilidade não é, por isso, imobilidade, mas, pelo contrário, o desejo habitual de mexer-se com *o ritmo de Deus*”<sup>[12]</sup>.

A realização pessoal não se reduz à realização profissional nem depende só dela; a profissão (uma determinada profissão) é parte dessa realização, mas não a esgota, porque muitas vezes mudamos de ocupação, de profissão. Ao cabo dos anos, quem já tem uma formação profissional talvez volte à Universidade; quem perde o emprego se reorienta para outro setor; quem se cansa de um trabalho que se tornou monótono converte um *hobby* em um novo modo de ganhar a vida; quem deixa de exercer sua profissão durante alguns anos por motivos familiares ou apostólicos, volta depois a partir de um novo ângulo.

O que sempre está presente é o sentido profissional, o profissionalismo, no desempenho da tarefa que temos em mãos em cada momento. Algumas características desta atitude são, por exemplo, “*o cuidado dos detalhes sem perder a visão de conjunto, tendo presente como o modo em que o nosso trabalho condiciona o dos outros, o cultivo das relações estabelecidas a propósito do trabalho, disposição e generosidade para formar outros que possam progredir além do nosso trabalho, contribuir para solucionar os problemas comuns, colocando as últimas pedras*”<sup>[13]</sup>.

A vocação profissional integra-se, pois, em um projeto vital mais amplo, na vocação recebida de Deus por cada pessoa, que é luz para ver e força para querer<sup>[14]</sup> diante das situações cotidianas. Esta luz e esta força, alimentadas pela oração e pela formação ajudam-nos a colocar a tarefa profissional em seu lugar, a discernir, desejar e escolher o melhor. Procuramos evitar assim a mediocridade e o conformismo que a comodidade de um salário garantido podem gerar; ou a excessiva dedicação que converte o trabalho em lugar de evasão, no qual não entram as realidades do próprio lar, onde não importa adiar a hora de voltar para casa; ou a redução da profissão a um projeto individualista no qual se desenvolve a própria personalidade à margem dos outros.

## **Os caminhos de Deus**

Na vida de muitas pessoas é comum que, por motivos pessoais, familiares ou sociais se deixe a própria profissão para dedicar-se a outras tarefas: em outras palavras, é a vida que nos guia na determinação da própria profissão, e não tanto os estudos que se realizaram ou a capacitação que se alcançou. Nestes casos, a preparação profissional adquirida põe-se a serviço da nova tarefa profissional, em que se desenvolve a própria missão: como fizeram os apóstolos chamados às margens do mar da Galileia, a quem Cristo diz “Eu vos farei pescadores de homens”<sup>[15]</sup>.

São Josemaria explicava: “A vocação profissional é algo que vai se concretizando ao longo da vida: não poucas vezes aquele que começou uns estudos descobre depois que está melhor dotado para outras tarefas, e dedica-se a elas; ou acaba se especializando em um campo diferente daquele que previu no princípio; ou encontra, já em pleno exercício da profissão que escolheu, um novo trabalho que lhe permite melhorar a posição social dos seus, ou contribuir mais eficazmente para o bem da coletividade; ou vê-se obrigado, por razões de saúde, a trocar de ambiente e de ocupação”<sup>[16]</sup>.

Não é a materialidade do que fazemos que imprime sentido e valor ao nosso trabalho, e sim a sua relação com o bem humano e espiritual da pessoa que trabalha e das outras com as quais se relaciona<sup>[17]</sup>. É isto que nos faz entender que a caridade é que dá a medida justa do sentido e do valor da dedicação ao trabalho. “Deve-se entender e viver a plena disponibilidade como liberdade, no sentido de não ter nada que nos amarre a não ser o amor (quer dizer, não estar ligados necessariamente a um trabalho, a um lugar de residência etc., sem deixar por isso de estar bem enraizados onde estivermos). O que nos torna livres não são as circunstâncias externas, mas sim o amor que temos no coração”<sup>[18]</sup>.

Essa missão apostólica que o Senhor nos confiou, tornar divinos todos os caminhos da terra, faz-nos luz para os outros, especialmente em e a partir do nosso trabalho. Queira Deus que “possas reconhecer qual é a palavra, a mensagem de Jesus que Deus quer dizer ao mundo com tua vida. Deixa-te transformar, deixa-te renovar pelo Espírito, para que isso seja possível e assim tua preciosa missão não malogrará. O Senhor a cumprirá também no meio de teus erros e maus momentos, contato que não abandones o caminho do amor e estejas sempre aberto à sua ação sobrenatural que purifica e ilumina”<sup>[19]</sup>.

---

<sup>[1]</sup> Cfr. Lucas 24, 13-35.

<sup>[2]</sup> João 14, 5-6.

<sup>[3]</sup> Francisco, “O caminho”, homilia em Santa Marta, 3 de maio de 2016.

<sup>[4]</sup> Francisco, *Gaudete et exultate*, n. 150.

<sup>[5]</sup> Paula Hermida, *Cristianos en la sociedad del siglo XXI. Entrevista a Fernando Ocariz*, Cristiandad, Madri 2020, pp. 47-48.

<sup>[6]</sup> Francisco, *Gaudete et exultate* n. 26.

[7] Cfr. São Josemaria, *Carta n. 6*, n. 12c.

[8] Cfr. João 18, 37.

[9] Fernando Ocáriz, *Carta Pastoral 14 de fevereiro de 2017*, n. 8.

[10] São Josemaría, *Carta 15/10/1948*, n. 41, em E.Burkhart, J.López *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, I, Rialp, Madri 2010, p. 428. Cfr. Forja, n. 678.

[11] Bento XVI, Homilia na Vigília Pascoal, 11/04/2009.

[12] Fernando Ocáriz, *Carta pastoral 28 de outubro de 2020*, n. 11.

[13] Ana Marta González, “Mundo y condición humana en san Josemaría Escrivá. Claves cristianas para una filosofía de las ciencias sociales”, em *Romana* n. 65, julho-dezembro de 2017.

[14] Cfr. Fernando Ocáriz, *Carta 28 de outubro de 2020*, n. 2.

[15] Marcos, 1, 17.

[16] Cfr. São Josemaría, *Carta 15-X-1948*, n. 33; em BURKHART-LÓPEZ, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de san Josemaría*, III, Rialp, Madri 2010, p. 180.

[17] Cfr. São Josemaria, *Carta 29-VII-1965*, n. 13

[18] Fernando Ocáriz, *Carta pastoral 28-X-2020*, n. 11.

[19] Francisco, *Gaudete et exultate*, n. 24

[Voltar ao índice](#)

[www.opusdei.org](http://www.opusdei.org)